

A RECEPÇÃO E A DIFUSÃO DA ARQUITETURA E DO URBANISMO MODERNOS BRASILEIROS NA AMPLITUDE DE SUA ABORDAGEM

“FIJOADA Y ARQUITECTURA PARA LOS TRÓPICOS”: OLHARES SUL-AMERICANOS SOBRE BRASÍLIA, 1956-1965

José Carlos Huapaya Espinoza

Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Arquitetura, Rua Caetano Moura 121 – Federação, CEP 402.10-905, Salvador, Brasil, e-mail: jhuapayae@gmail.com

RESUMO

Diversas são as reflexões, opiniões, depoimentos e críticas sobre Brasília iniciadas antes, durante e após a sua construção. Salvo casos pontuais, é possível afirmar que o “olhar latino-americano” sobre a mesma tem sido entendido e/ou referenciado a partir das contribuições de Segre e Gutiérrez. Neste artigo, no entanto, propomos ampliar esses “olhares” respondendo a dois questionamentos-chave: Qual a visão dos arquitetos sul-americanos sobre Brasília? Esses olhares coincidem ou divergem às daqueles autores? Para tal, valemo-nos de um conjunto de artigos publicados em sete revistas especializadas sul-americanas (*Nuestra Arquitectura*, *PROA*, *El Arquitecto Peruano*, *Arquitectura*, *Integral*, *Punto e Taller*). Essa análise mostra-nos que as opiniões sobre ela eram diversas, complementares, antagônicas. Isto significa que a nova capital sul-americana se apresentava como um “fenômeno” complexo, como uma experiência “inédita” que produzia mais dúvidas e incertezas do que respostas.

Palavras-chave: Brasília; revistas especializadas; América do Sul.

RESUMEN

Diversas son las reflexiones, opiniones, testimonios y críticas sobre Brasilia iniciadas antes, durante y después de su construcción. Salvo casos puntuales, es posible afirmar que la “mirada latinoamericana” sobre ella ha sido entendida y/o referenciada a partir de los aportes de Segre y Gutiérrez. En este artículo, sin embargo, proponemos ampliar esas “miradas” respondiendo a dos preguntas claves: ¿Cuál es la visión de los arquitectos sudamericanos sobre Brasilia? ¿Esas miradas coinciden o divergen a la de esos autores? Para tal, usamos un conjunto de artículos publicados en siete revistas especializadas sudamericanas (*Nuestra Arquitectura*, *PROA*, *El Arquitecto Peruano*, *Arquitectura*, *Integral*, *Punto y Taller*). Ese análisis nos muestra que las opiniones sobre ella eran diversas, complementarias, antagónicas. Esto significa que la nueva capital sudamericana se presentaba como un “fenómeno” complejo, como una experiencia “inédita” que producía más dudas e incertezas que respuestas.

Palabras clave: Brasilia, revistas especializadas, Sudamérica.

“FIJOADA Y ARQUITECTURA PARA LOS TRÓPICOS”¹: OLHARES SUL-AMERICANOS SOBRE BRASÍLIA, 1956-1965

INTRODUÇÃO

Diversas são as reflexões, opiniões, depoimentos e críticas sobre Brasília iniciadas antes, durante e após a sua construção. Esses olhares provêm de diferentes áreas (arquitetura, urbanismo, engenharia, geografia, história, filosofia), de diversas origens e regiões (Brasil, América Latina, Europa) e, inclusive de seus próprios protagonistas como mostram Xavier e Katinsky (2012). No caso da América Latina (e mais especificamente, do lado hispano-americano), são indubitáveis as contribuições de Roberto Segre (1977 e 1982) e Ramón Gutiérrez (1983). Por essa razão, é possível afirmar, salvo casos pontuais, que o olhar latino-americano sobre a experiência de Brasília tem sido entendido e/ou referenciado a partir desses dois autores².

Neste artigo, no entanto, propomos ampliar esses “olhares” a partir do caso sul-americano, tentando responder a dois questionamentos-chave: Qual a visão dos arquitetos sul-americanos sobre Brasília? Esses olhares coincidem ou divergem daqueles de Segre e Gutiérrez?

Para tal tomamos como referências um conjunto de artigos publicados em sete revistas especializadas da região entre 1956 e 1965, recorte temporal que corresponde à primeira e à última referência à nova capital no universo identificado e analisado³. Embora neste trabalho se fale do “olhar sul-americano” é necessário esclarecer que o mesmo corresponde ao olhar dos países hispano-americanos e ainda, mais especificamente aos dos seguintes países: Argentina (*Nuestra Arquitectura*), Colômbia (*PROA*), Peru (*El Arquitecto Peruano*), Uruguai (*Arquitectura*) e Venezuela (*Integral, Punto e Taller*)⁴.

Alguns critérios que guiaram a escolha dessas revistas especializadas foram: a circulação regular durante as décadas de 1950 e 1960 (ou seja, entre o concurso e a inauguração de Brasília); a importância das mesmas nos respectivos meios locais; as suas origens (entidades, academia) e; inclusive, o perfil editorial (profissionais ou estudantes). Este último aspecto é interessante na medida em que tenta-se ampliar o olhar a partir de artigos escritos não só por arquitetos, mas, também por alunos de arquitetura. Assim, tentamos trazer à luz um capítulo pouco conhecido e abordado pela historiografia do urbanismo moderno além de contribuir para a ampliação e problematização das visões latino-americanas sobre a experiência de Brasília.

¹ Título tomado do artigo do arquiteto argentino Juan Angel A. Casasco, publicado na revista argentina *Nuestra Arquitectura* (maio 1959).

² Uma contribuição pouco referenciada (e conhecida) é o artigo de Francisco Bullrich (1975) publicado no livro *América Latina en su Arquitectura* organizado por Roberto Segre. Outra contribuição mais recente é a de Adrián Gorelik (2005).

³ A primeira referência sobre Brasília encontrada no conjunto das revistas em estudo foi o artigo intitulado “La nueva capital del Brasil” publicado em *PROA* (jul. 1956), ou seja, alguns meses antes do concurso realizado em março de 1957. Já a última referência identificada foi o artigo do estudante de arquitetura Manuel Ramirez Isava intitulado “Brasilia”, publicado na revista venezuelana *Taller* (mar. 1965). Nesta pesquisa foi possível ter acesso a todos os números dessas revistas publicados entre 1955 e 1966.

⁴ Apesar dos esforços, não foi possível ter acesso às coleções completas das revistas publicadas no período aqui em estudo da Bolívia, Chile, Equador e Paraguai.

BRASÍLIA: OLHARES ATRAVÉS DAS REVISTAS ESPECIALIZADAS SUL-AMERICANAS

Uma aproximação à divulgação internacional das experiências sul-americanas entre as décadas de 1930 e 1960, fora e dentro da América Latina, mostra como Brasília desponta como a grande realização do urbanismo do final dos anos 50 (GOMES; HUAPAYA ESPINOZA, 2007 e 2009). De fato, essa afirmação pode ser constatada a partir da análise do conjunto de publicações aparecidas nas revistas especializadas sul-americanas, em especial a partir de 1960, ou seja, após a inauguração da nova capital.

Entre o período de 1956 a 1965, recorte temporal de nove anos que corresponde ao primeiro e último artigo sobre Brasília publicado nas revistas especializadas aqui em estudo, é possível identificar, no mínimo, dois momentos com olhares distintos.

No primeiro, que vai de 1956 a 1959, nota-se um interesse por divulgar, quase que simultaneamente, os desdobramentos e expectativas do concurso para Brasília. Esse é um olhar “indireto”, “acrítico” e/ou “seletivo” na medida em que muitas das matérias publicadas foram reproduções (traduzidas) de artigos aparecidos em revistas especializadas brasileiras como *Módulo e Arquitetura e Engenharia*⁵; quer dizer, nesses casos específicos tratam-se por exemplo da revista dirigida por Oscar Niemeyer e da revista editada pelo IAB-Minas Gerais, respectivamente. Em outros casos, bem mais limitados, foi identificado que alguns desses artigos traduzidos foram, por sua vez, reproduzidos e/ou adaptados em outras revistas sul-americanas⁶.

Por um lado, apesar de que neste momento os poucos comentários que acompanhavam essas reproduções limitavam-se, na sua grande maioria, a citar as respectivas fontes; pelo outro, mostram articulações diretas com alguns dos próprios protagonistas. Este foi o caso de Rino Levi, que havia tido uma aproximação maior com a América Latina a partir da década de 1950 (EDIZIONI DI COMUNITÀ, 1974, p. 23; PRÓLOGO, 2001, p. 32-34)⁷.

No segundo momento, que vai da inauguração de Brasília até 1965, nota-se um olhar mais “analítico” e “crítico” que se alinhou, aos poucos, com as repercussões da crítica internacional à nova capital brasileira, mais especificamente, àquelas em torno à opinião de Bruno Zevi (TINEM, 2006; CAPPELLO, 2007; NERY, 2010 e; HUAPAYA ESPINOZA, 2016a)⁸. Além disso, enquanto no

⁵ Isto, mais especificamente, aconteceu nas revistas *Arquitectura, Integral* e *PROA*. Nesses casos foram reproduzidas matérias dos números 9 (jan./fev. 1958) e 12 (jan./fev. 1959) da revista *Módulo* e do número 44 (mar./abr. 1957) da revista *Arquitectura e Engenharia*.

⁶ Nesse caso podemos citar o artigo “Brasilia: nueva capital del Brasil” (*PROA*, fev. 1959), o qual foi uma adaptação do artigo “Brasilia: un nuevo centro de gravedad” publicado inicialmente na revista *Nuestra Arquitectura* (set. 1958).

⁷ Por exemplo, em *Arquitectura* informa-se que após ter conhecimento dos resultados do concurso de Brasília, os editores dessa revista iniciaram as gestões para a obtenção do material correspondente para ser divulgado. Apesar dos esforços, somente foi possível receber “directamente y por completo el relativo al 3º premio” (*SURGE*, 1958, p. 51), que corresponde ao projeto de Rino Levi, que havia visitado várias vezes o Uruguai. Algo similar aconteceu no caso da revista *Nuestra Arquitectura* (*CASASCO*, 1959, p. 21).

⁸ Em abril de 1960, na revista *Nuestra Arquitectura*, foi publicado o artigo “Brasilia” de autoria de Bruno Zevi o qual corresponde a uma versão adaptada de seu artigo “Inquieta su Brasilia” publicado em janeiro de 1960 na revista italiana *L’Architettura*. No artigo argentino chama-se a atenção para o “silencio general producido” sobre Brasília e a “valiente opinión de Bruno Zevi” (BRASÍLIA, 1960, p. 6). Ao respeito também ver: (HUAPAYA ESPINOZA; SIMÕES, 2016).

primeiro momento Brasília aparecia como sendo parte de um conjunto de experiências arquitetônicas e urbanísticas brasileiras que vinham sendo divulgadas; posteriormente, quase todas as revistas vão se centrar de forma mais contundente somente nela⁹.



Figuras 1, 2 e 3. Capas das três edições da revista argentina *Nuestra Arquitectura* dedicadas ao Brasil, n. 346 (1958), n. 354 (1959) e n. 370 (1960).

Apesar de que já no primeiro momento o espaço dado a Brasília nas revistas especializadas é considerável, foi no segundo momento em que apareceram os números especiais dedicados quase que exclusivamente à nova capital. Não obstante, foram identificadas somente três edições da revista *Nuestra Arquitectura* nas quais deu-se destaque à cidade (Figuras 1, 2 e 3).

Esses dois momentos revelam inicialmente uma “admiração” pela forma como o Brasil vinha enfrentando seus problemas de desenvolvimento nacional e pelas suas contribuições à arquitetura e ao urbanismo modernos. Sem embargo, posteriormente, os elogios tornaram-se duras críticas as quais relacionam-se diretamente à experiência *in situ* dos arquitetos/estudantes sul-americanos como veremos a seguir.

BRASÍLIA: OLHARES ATRAVÉS DOS ARQUITETOS SUL-AMERICANOS

É possível identificar que os artigos críticos escritos por arquitetos sul-americanos se intensificaram a partir das viagens que eles realizaram durante e após a inauguração de Brasília¹⁰. Assim, estes

⁹ Não só ao projeto em si de Brasília, mas também, aos próprios edifícios institucionais da cidade. Foram identificadas várias notas e artigos analisando os ministérios, os novos palácios etc.

¹⁰ Em alguns casos tratam-se de artigos escritos como resultado de viagens de estudo individuais. Em outros, tratam-se de viagens acadêmicas realizadas com outros profissionais e alunos.

constituem-se em depoimentos e impressões sobre a capital brasileira que em muitos casos relacionam-se com reflexões sobre o “lugar” e “significado” da mesma na própria produção do país continental. De um lado, a análise desse conjunto de artigos revela olhares aguçados sobre a nova capital, mas também inquietações e balanços sobre seu funcionamento (naquele momento) e seus desafios para o futuro; e, do outro, artigos que se limitam, de forma entusiasta, a divulgar desde uma perspectiva histórica seus aspectos “simbólicos”¹¹ fazendo, em alguns casos, paralelos com os países de origem.

No primeiro grupo, podemos mencionar os artigos “Fijada y arquitectura para los trópicos. Un viaje al Brasil” de Juan Angel A. Casasco (*Nuestra Arquitectura*, maio 1959); “La experiencia brasileña” de Hugo Néstor Mataloni (*Nuestra Arquitectura*, set. 1960b); “Reflexiones sobre Brasilia” de Oscar Tenreiro (*Punto*, nov. 1961) e; “Significación del Brasil en América Latina” de Roberto Segre (*Nuestra Arquitectura*, ago. 1963). No caso de Casasco, trata-se de um artigo que foi resultado de uma viagem de estudos ao Brasil que tinha como objetivo final (e principal) a visita a Brasília, passando antes pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Interessante notar que em muitos casos, os arquitetos sul-americanos vão chamar a atenção para o “jeito” informal e “descontraído” no Brasil, em especial dos cariocas. No Rio, Casasco teve a oportunidade de se encontrar com Maurício Roberto, a quem lhe fez uma entrevista sobre sua proposta para Brasília e em especial, sobre a *piazza italiana* e as “unidades de vizinhança limitadas”. Casasco (1959, p. 19) chegava à seguinte conclusão: ao projeto dos irmãos Roberto “le falta grandeza de concepción, simplicidad”¹². Em São Paulo, ele se encontrou com o “maestro” Rino Levi; para Casasco o projeto dele para Brasília havia obtido uma “solución monumental con verdadera geometría que correspondian a una capital”, no entanto, criticava “sus enormes superbloques, verdaderas unidades vecinales verticales con ascensores multivoltage” (p. 21) e se questionava: “¿y si la CADE les corta la corriente? El que baja del piso 80º será seguramente un atleta y declarado enemigo del arquitecto” (p. 21).

A viagem a Brasília foi de avião. As primeiras impressões de Casasco de uma cidade ainda em construção foram as seguintes: “El aeropuerto es provisório. Los ómnibus también. Todo es provisório, temporário” (p. 23) (Figura 4). Lá ele se encontrou com Oscar Niemeyer, que o havia recebido em “su casa del barrio obrero”. A partir desse momento é possível notar como o interesse de Casasco vai se voltar especificamente para as edificações de Brasília e não para a cidade em si. Por exemplo, em relação ao Palácio da Alvorada ele afirmava que “Niemeyer ha producido una obra maestra” e que essa visita o havia emocionado “profundamente” e ainda que a “modestia de Oscar, es realmente conmovedora” (p. 23). Ele concluiu seu artigo com um questionamento significativo: “¿es que los argentinos serán siempre tan sólo teóricos y no realizadores?” (p. 24).

¹¹ Somente foram encontradas referências nas revistas *Nuestra Arquitectura*, *El Arquitecto Peruano* e *Punto*. Da primeira foram identificados 4 artigos, e das outras duas, um artigo em cada. Outros artigos publicados também sobre Brasília, porém, reproduzidos de revistas brasileiras e/ou europeias não foram consideradas já que não se constituem no foco principal deste trabalho.

¹² Ao respeito do concurso e dos projetos para Brasília ver: Braga (2010).

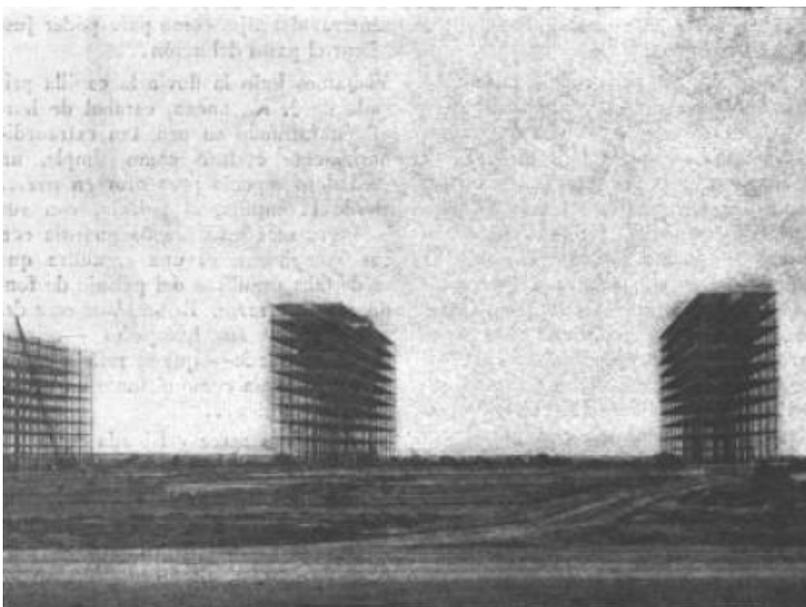


Figura 4. Esplanada dos Ministérios ainda em construção. Fonte: Casasco (1959)

“La experiencia brasileña” de Mataloni se constitui em uma tentativa por balizar as críticas surgidas em torno a Brasília no meio acadêmico. Para Mataloni a capital brasileira “ha tenido y tiene críticos” e, segundo ele, essas posições contrárias podiam ser classificadas em dois tipos: aquela dos “descontentos” que houvessem preferido “una ciudad lineal, compacta”, aqueles que vem na “uniformidad de la edificación una horrible monotonía” que, no entanto, “si se hubiera permitido una muestra heterogénea de estilos y formas, hubieran encontrado la más tremenda de las anarquías y caos total” (p. 57). O outro tipo de críticas, “más aceptables, por la altura y por la seriedad con que han sido planteadas”, explicava Mataloni, são aquelas feitas por “autoridades” em matéria de arquitetura e urbanismo, como o caso de Bruno Zevi; de fato, esse artigo vai se centrar na contra crítica aos “cinco pontos” feita pelo arquiteto italiano para Brasília¹³. Para Mataloni, a posição de Zevi corresponde à de um “hombre del viejo mundo” e refletia um olhar “un tanto distorcido por la distancia y el desconocimiento del medio ambiente y del hombre brasileño”. Para o arquiteto argentino, Brasília “era una necesidad y había que hacerla”, além disso, ela inaugurava “una etapa, señala un rumbo y marca una conquista” (p. 58)¹⁴.

Essa expectativa sobre o desenrolar da capital também está presente em “Reflexiones sobre Brasilia” de Tenreiro. Para ele Brasília se mostrava “lentamente”, ela ainda carecia de vida própria e chamava a atenção para o fato de que era “imposible pensar en caminar desde la Plaza [dos Três Poderes] hasta la ciudad misma” e ainda que “cuando uno – ajeno a cualquier recomendación de prudencia – decide caminar, el sol nos derrota al cabo de diez minutos de marcha y optamos por

¹³ Ao respeito ver nota 8 deste artigo.

¹⁴ Posteriormente, Mataloni publicaria seu livro “Ese Brasil inmenso y verde” (1964) onde recolhe as suas impressões das diversas viagens feitas a esse país.

la máquina” (p. 2) (Figura 5). Em relação à rodoviária suas críticas são ainda mais duras, para ele, “en todo el conjunto reina la incoherencia” (p. 3). Essas observações servem de fundo para uma série de questionamentos que vão ser centrais em seu discurso, entre estes podemos ressaltar: “¿Es acaso justificable hoy, en la época del transporte aéreo, la ubicación de una ciudad administrativa en una zona como ésta, por razones de equidistancia? ¿Fue Brasilia planeada para “urbanizarla” solamente? ¿Se quiere que la gente “viva” o “trabaje” en Brasilia?” (p. 3). Para Tenreiro caminhar em Brasília era desalentador (para ele esta seria uma característica que se manteria no futuro); a “integración de los servicios a las viviendas es confusa”; as “zonas comerciales son desagradables” (p. 5). Um ponto particular o constituiu a “Escala en Brasilia”. Para Tenreiro, na nova capital “nos sentimos tan pequeños y hasta despreciados cuando queremos recorrerla sin ayuda de un automóvil” (p. 4); segundo ele, os edifícios da Praça dos Três Poderes davam a sensação de “estar ante maquetas en escala natural” (p. 5). Para Tenreiro Brasília o havia deixado com “pocas cosas claras y con la sensación de haber aprendido mucho”. Ela, na sua opinião, “perdurará en la Historia, más como una realización de nuestro siglo, como un ensayo, que como un ejemplo que inicie caminos nuevos” (p. 6).



Figura 5. Eixo monumental em construção. Fonte: Tenreiro (1961)

Em a “Significación del Brasil en América Latina”¹⁵, e fechando o ciclo de críticas argentinas, Segre afirmava que Brasília era um “hecho concreto e indiscutible” e que por essa razão não cabia mais problematizar “sobre si representa un hecho positivo o negativo en los diversos planos en que se le ubique, político, social, económico o arquitectónico” (p. 29). Falando mais especificamente das edificações, afirmava que elas cumpriam “los objetivos importantes de la arquitectura que es la emoción estética que se siente al verlos y recorrerlos”. Porém, se questionava sobre se essas formas “tan puras y abstractas son representativas de esa nueva sociedad brasileña que se tiende a formar” (p. 30); segundo seu ponto de vista, elas haviam falhado. Falando sobre as superquadras,

¹⁵ Este é um dos primeiros textos do autor sobre Brasília, posteriormente, publicará dois livros referenciais, um sozinho (1977) e outro em parceria com Rafael López Rangel (1982).

Segre acreditava que estas não mostravam uma “situación humana fluida y cambiante”, faltava-lhes o “hálito vital” (p. 30). Para Segre, da mesma forma que Malatoni e contrário a Tenreiro como vimos anteriormente, Brasília devia ser considerada como “un punto de partida”.

Finalmente, no segundo grupo de artigos, podemos destacar “Cuzco, Lima, Brasilia” de Fernando Belaunde Terry (*El Arquitecto Peruano*, jan./mar. 1960) e “Antecedentes” de Hugo Néstor Mataloni (*Nuestra Arquitectura*, set. 1960a). Ambos os casos se centram nas justificativas e na necessidade quase que “natural” da transferência e/ou criação de novos centros políticos/econômicos/administrativos vistos a partir de uma perspectiva histórica. No caso de Belaunde, por exemplo, a “ideia da capital brasileira foi ressaltada a partir da sua comparação com a cidade de Cuzco, a capital do império Inca” (HUAPAYA ESPINOZA, 2012). Indo de encontro às ideias do arquiteto peruano, Mataloni trazia em discussão o caso de La Plata “nascida” na Argentina “de una urgente necesidad política y planeada según las normas más adelantadas del urbanismo de su época” (p. 29).

BRASÍLIA: OLHARES ATRAVÉS DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA SUL-AMERICANOS

Outros olhares interessantes, porém, pouco conhecidos (ou limitados) são aqueles dos estudantes de arquitetura. No conjunto de publicações analisadas foram encontrados somente dois artigos que, no entanto, são significativos. O primeiro foi “Brasilia: allá donde el Brasil se extrema” escrita pelos então estudantes de arquitetura argentinos Roberto Bonifacio e Roberto Doberti (*Nuestra Arquitectura*, jun. 1960) e “Brasilia” do estudante venezuelano Manuel Ramírez Isava (*Taller*, mar. 1965). Em muitos casos, essas visitas dos estudantes de arquitetura sul-americanos ao Brasil eram resultado de viagens de estudos específicos ou de final do curso organizadas pelos próprios alunos e/ou pelas próprias escolas/faculdades de origem e apoiadas, inclusive, pelo próprio Governo Brasileiro¹⁶.

No momento da publicação de “Brasilia: allá donde el Brasil se extrema” Bonifacio e Doberti cursavam o último ano do curso de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA)¹⁷. O objetivo do mesmo era “un intento de captación de los elementos básicos de la realidad” brasileira compreendo assim a “ubicación de Brasilia en esa realidad” (p. 34). Indo de encontro ao olhar dos arquitetos, como vimos na seção anterior, para eles o Brasil era o “lugar de lo no absoluto” onde os “opuestos se dan en violenta proximidad”. O Brasil, apesar das diferenças socioeconômicas, apresentava-se de “modo especial”; não existiam nesse país “esas ilusiones de elegancia y

¹⁶ Por exemplo, no caso peruano, ver: Huapaya Espinoza (2016b). No conjunto de artigos analisados também foram encontradas referências que apontam para essas questões.

¹⁷ Ao que parece, eles só visitaram o Rio de Janeiro e Brasília.

bienestar que son en Buenos Aires calles como Santa Fe y Florida”. Na avenida Rio Branco, afirmavam, dormiam “harapientos [...] por todas las calles pasea o va todo tipo de gente” (p. 34).

Esses “conflitos” também foram percebidos em Brasília onde os “80.000 operarios que están construyendo, la ciudad, de la era del aire [...] viven en barrios de pobreza tal que sus calles de tierra son muy difíciles de transitar” e onde as “casas de madera privadas de electricidad, no logra evitar el choque con la ciudad de acero”. Eles questionavam como a confluência das duas tendências (a racional e a barroca) que inicialmente haviam dado as características particulares à arquitetura brasileira (especificamente, a carioca), se opunham na nova capital. Brasília, concluía, “es la gran oportunidad, y la gran responsabilidad. Su resultado es incierto [...] y va a seguir siéndolo durante cierto tiempo hasta tanto la ciudad no “funcione” no “viva”” (p. 35).

Já o artigo “Brasilia” de Ramírez, estudante do terceiro semestre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Central de Venezuela (UCV), constituía-se em um trabalho para a disciplina de Atelier como resultado da sua viagem a Brasília (Figura 6). Se comparado ao artigo de Bonifacio e Doberti, o texto é bem mais descritivo e pouco analítico; isto, é claro, pode ser entendido por causa de se tratar de um aluno em processo inicial de formação. Para Ramírez a “técnica urbana” de Brasília seguia “una política semblante a la fijada por Le Corbusier en Chandigarh, pero con sus características peculiares; por eso [...] tiene el espíritu de Le Corbusier” (p. 29). O conjunto urbano da “grande capital”, explicava, “descuellan los rascacielos de acero, las residencias y los edificios comerciales, con sus líneas cúbicas y destacando, por su valentía renovadora, los palacios oficiales y las iglesias” (p. 29). Após centrar-se nas suas impressões sobre alguns edifícios, ele concluía que Brasília era uma “ciudad distinta a todas las que existen hoy” e dava a conhecer ao mundo “las inagotables posibilidades, aún latentes, de la arquitectura y el urbanismo” (p. 31).

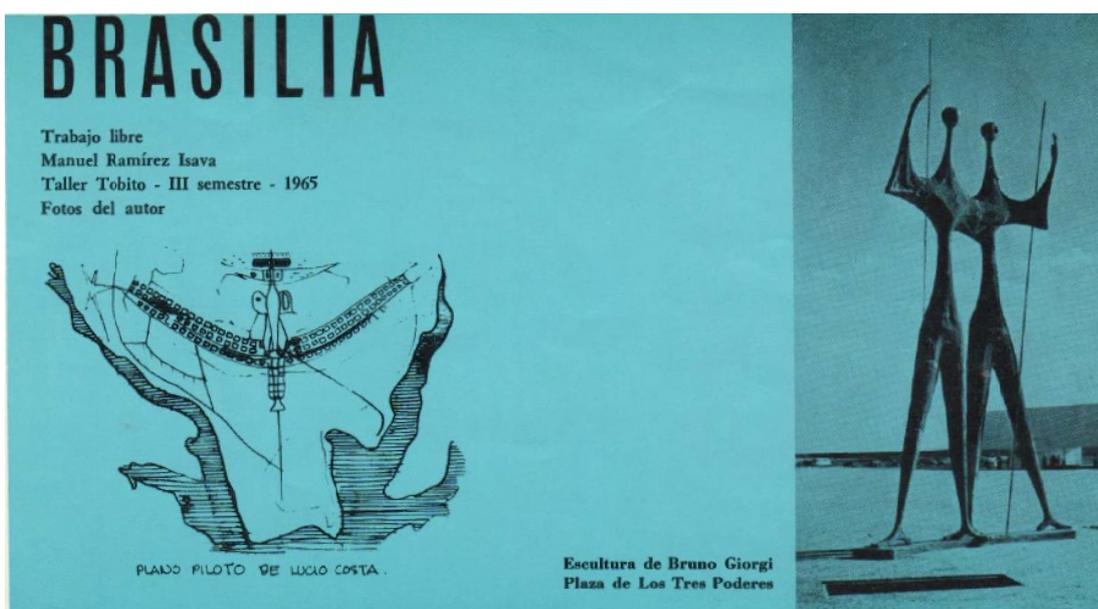


Figura 6. Estudo sobre Brasília, aluno de arquitetura Manuel Ramírez Isava. Fonte: Ramírez (1965)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As revistas especializadas sul-americanas nos ajudam a entender não só a repercussão da capital brasileira no âmbito latino-americano, mas, também nos revelam uma série de olhares sobre Brasília que nos ajudam a refletir sobre como essa experiência brasileira era “vista”, “vivida” e “apreendida” pelos arquitetos e estudantes de arquitetura.

Uma primeira reflexão neste artigo tem a ver com o próprio recorte temporal, 1956-1965. Como mencionado anteriormente, apesar de que o primeiro artigo sobre Brasília nas revistas especializadas estudadas aparece em 1956, os artigos se intensificaram a partir de 1959 e concluíram (abruptamente) em 1965. Em relação ao ano de 1959 uma provável razão pode ser explicada a partir das repercussões do Seminário Internacional de Críticos de Arte realizado em Brasília em setembro desse ano; apesar de que não foram encontradas referências diretas a esse evento nas revistas, apareceram sim opiniões de um dos palestrantes-chave para a discussões posteriores: Bruno Zevi. Ao respeito desse Seminário, vale a pena mencionar que, à época, muitas das revistas especializadas brasileiras deram bastante espaço ao evento e inclusive, publicaram depoimentos de alguns dos participantes, dentre eles, profissionais latino-americanos ¹⁸ (ARQUITETOS, 1959; OPINIÕES, 1959, CONGRESSO, 1960). No entanto, chama a atenção de que nesses casos se apresentaram opiniões favoráveis a Brasília, ao contrário do que foi identificado nas revistas especializadas sul-americanas.

No caso do ano de 1965, o mesmo pode ser entendido, no mínimo, a partir de dois aspectos. O primeiro tem a ver com a própria crise do movimento moderno e com as críticas ao ideário modernista. Já o segundo, em sintonia com o primeiro aspecto, tem a ver com as próprias discussões sobre Brasília em congressos/encontros realizados na escala latino-americana como, por exemplo, os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (CPA). De fato, o XI CPA realizado em junho desse ano em Washington teve como questão principal “Las ciudades de las Américas”; a escolha desse tema “era urgente para los arquitectos y para los habitantes de estas Américas” já que “en muchas ocasiones nuestras ciudades han ido demasiado lejos, y en dirección equivocada” (CPA, 1965, p. 43). A partir das reflexões desse evento o arquiteto e urbanista chileno Luiz Vera se questionava: “¿por qué las ciudades de América Latina, erigidas según las normas de las Leyes de Indias, tienen un ambiente mucho más humano que Brasilia? ¿Es que hicimos demasiadas promesas para el futuro o es que olvidamos demasiado nuestro pasado?” (VERA, 1965, p. 47).

Porfim, os “olhares sul-americanos” mostram-nos que as opiniões sobre Brasília eram diversas, complementares, antagônicas. Isto significa que para os arquitetos e estudantes, a nova capital sul-americana se apresentava como um “fenômeno” complexo, como uma experiência “inédita” que produzia mais dúvidas e incertezas do que respostas. Essas impressões, de fato, alinham-se com

¹⁸ Dentre eles o argentino Amancio Williams (crítico de Arquitetura), os chilenos Enrique Bello (crítico de Arte) e Antonio Romera (crítico de Arte), o mexicano Horacio Sanchez Flores (crítico de Arte) e os uruguaios F. García Steban (crítico de Arte) e José Pedro Argul (Crítico de Arte),

aquelas de Roberto Segre como vimos anteriormente e com a de Ramón Gutierrez (1983, p.701), que considerava Brasília como sendo “elitista desde su inicio”; para ele a capital brasileira tinha-se tornado “clasista por simple decantación; era aséptica y despersonalizante desde su idea rectora y deriva en inhumana como lógica respuesta”.

Nesse panorama vale um questionamento final: como criticar algo sem ter um ponto de referência ou um caso parecido para se comparar? Assim, apesar de que muitas dessas opiniões se constituem em fortes críticas negativas... na verdade... o que pode ser entendido disso é que com elas se trata de chamar a atenção para os desafios futuros de Brasília. Trata-se de compreendê-la como sendo resultado da própria realidade particular do país, a qual se caracterizava pelas suas contradições, misturas e contrastes, pela convivência entre o tradicional e o novo... pela “fijoada” e a “arquitetura moderna”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUITETOS e críticos de arte falam sobre Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 16, p. 29-31, dez. 1959.

BELAUNDE TERRY, F. Cuzco, Lima, Brasilia. **El Arquitecto Peruano**, Lima, n. 270-272, p. 12, jan./mar. 1960.

BONIFACIO, R.; DOBERTI, R. Brasília, allá donde Brasil se extrema. **Nuestra Arquitectura**, Buenos Aires, n. 367, p. 34-35, jun. 1960.

BRAGA, M. **O concurso de Brasília**: sete projetos para uma capital. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRASILIA. **Nuestra Arquitectura**, Buenos Aires, n. 365, p. 6, abr. 1960.

BULLRICH, F. Ciudades creadas en el siglo XX. Brasilia. In: SEGRE, R. (Org.). **América Latina en su Arquitectura**. México: Siglo XXI, 1975. p. 129-140.

CAPPELLO, M. B. C. Arquitetura em revista: recepção da arquitetura moderna brasileira nos periódicos italianos, ingleses e franceses (1945-1960). In: GITAHY, M, L, C.; LIRA, J. T. C. de (Orgs.). **Tempo, cidade e arquitetura**. São Paulo: FAU/Anna Blume/FUPAM, 2007. p. 125-148.

CASASCO, J. A. Fijoada y arquitectura para los trópicos. **Nuestra Arquitectura**, Buenos Aires, n. 354, p. 19-24, maio 1959.

COLEÇÃO Revista *Arquitectura* (Uruguai, 1955-1966)

COLEÇÃO Revista *El Arquitecto Peruano* (Peru, 1955-1966)

COLEÇÃO Revista *Integral* (Venezuela, 1955-1959)

COLEÇÃO Revista *Nuestra Arquitectura* (Argentina, 1955-1966)

COLEÇÃO Revista *Proa* (Colômbia, 1955-1966)

COLEÇÃO Revista *Punto* (Venezuela, 1961-1966)

COLEÇÃO Revista *Taller* (Venezuela, 1963-1966)

CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. A cidade nova - síntese das artes. **Hábitat**, São Paulo, n. 58, p. 3-8, jan./fev. 1960.

CPA – Congresso Pan-Americanos de Arquitetos. **Actas del XI Congreso Panamericano de Arquitectos**: Las ciudades de las Américas. Buenos Aires: [s. n.], 1965.

EDIZIONI DI COMUNITÀ (Org.). **Rino Levi**. Milão: Edizioni di Comunità, 1974.

GOMES, M. A. A. F.; HUAPAYA ESPINOZA, J. C. The Functional City ideal in South America, between the 1930's and the 1960's: a comparative perspective. In: ISUF International Seminar on Urban Form, 2007, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ISUF, 2007.

_____. Olhares cruzados: visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960. In: GOMES, M. A. A. de F. (Org.). **Urbanismo na América do Sul**: circulação de ideias e constituição do campo, 1920/1960. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-39.

GORELIK, A. **Das vanguardas a Brasília**: Cultura Urbana e Arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GUTIÉRREZ, R. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**. Madrid: Cátedra, 1983.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. A experiência arquitetônica e urbanística brasileira na revista “El Arquitecto Peruano”: divulgação, influências e críticas, 1937-1960. In: XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRS, 2012.

_____. Expandindo olhares: a experiência arquitetônica e urbanística brasileira através das revistas especializadas italianas, 1928-1968. In: XI Seminário Docomomo_BR, 2016, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2016a.

_____. Eduardo Neira Alva e o Brasil: aproximações, reflexões e propostas para a habitação social e o planejamento urbano em tempos de esperança, 1965-1974. **Risco**, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 58-72, 2016b.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C.; SIMÕES, N. Cidade e urbanismo na América Latina: um olhar através das revistas especializadas italianas, 1930-1966. In: XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2016, São Carlos. **Anais...** São Carlos: USP/São Carlos, 2016.

MATALONI, H. N. Antecedentes. **Nuestra Arquitectura**, Buenos Aires, n. 370, p. 29-30, set. 1960a.

_____. La experiencia brasileña. **Nuestra Arquitectura**, Buenos Aires, n. 370, p. 57-58, set. 1960b.

NERY, J. C. A. Circulação de ideias através das revistas internacionais especializadas: as críticas italianas a Brasília. In: XI Seminário da História da Cidade e do Urbanismo, 2010, Vitória. **Anais...** São Carlos: UFES, 2010.

OPINIÕES dos críticos de arte. **Brasília**, Brasília, a. 3, n. 33, p. 4-7, set. 1959.

PRÓLOGO. Trajetória de Rino Levi. In: ANELLI, R.; GUERRA, A. (Orgs.). **Rino Levi. Arquitetura e Cidade**. São Paulo: Romano Guerra, 2001. p. 25-35.

RAMÍREZ ISAVA, M. Brasília. **Taller**, Caracas, n. 11, p. 29-31, mar. 1965.

SEGRE, R. Significación del Brasil en América Latina. **Nuestra Arquitectura**, Buenos Aires, n. 405, p. 26-30, ago. 1963.

_____. **Las estructuras ambientales de América Latina**. México: Siglo XXI, 1977.

SEGRE, R.; LÓPEZ RANGEL, R. **Architettura e territorio nell'America Latina**. Milán: Electa, 1982.

SURGE una nueva capital: Brasília. **Arquitectura**, Montevideú, n. 235, p. 51, nov. 1958.

TENREIRO, O. Reflexiones sobre Brasília. **Punto**, Caracas, n. 4, p. 2-6, nov. 1961.

TINEM, N. **O alvo do olhar estrangeiro**: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Editora Universitária, 2006 [2002].

VERA, L. El arquitecto, la ciudad y el nuevo mundo. **El Arquitecto Peruano**, Lima, n. 334-335, p. 32 e 47, nov./dez. 1965.

WILLIAMS, A. A propósito de Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 16, p. 2-3, dez. 1959.

XAVIER, A.; KATINSKY, J. **Brasília. Antologia crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.